

PONTO DE CHEGADA, PONTO DE PARTIDA¹

POINT OF ARRIVAL, POINT OF DEPARTURE

Edith Derdyk

Pintora, desenhista, designer gráfico e escritora. Possui obras nos acervos do Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Moderna da Bahia, Museu de Arte de Brasília e Pinacoteca de São Paulo, entre outros.

E-mail: ederdyk@gmail.com

Resumo: Este pequeno ensaio discorre sobre processos de criação, explicita os ingredientes que compõem a instauração de um ato criador e as conjugações entre pensar e fazer, entre intenção e realização, contando com relatos, citações e fragmentos de artistas, filósofos, cientistas e poetas.

Palavras-chave: Processo de criação. Arte. Corpo. Educação. Linguagem visual.

Abstract: This short essay discusses the processes of creation, explains the ingredients that make up the establishment of a creative act and the conjugations between thinking and doing, between intention and realization, relying on reports, quotations and fragments of artists, philosophers, scientists and poets.

Keywords: Creative process. Art. Body. Education. Visual language.

Ao escrever sobre um dos modos possíveis de perceber a natureza do ato criador, a escrita exige de mim um tempo para a reconstituição de uma memória que emerge das experiências já vividas. E a memória é vizinha de um imaginário a ser experienciado, o que torna este texto uma atualização dessas conjugações entre observação, memória e imaginário – ingredientes fundamentais que compõem a natureza do ato criador.

Minha matriz de produção está estruturada na linguagem visual: a circulação do pensamento encontra maior afinidade na passagem daquilo que é informe e indefinível para aquilo que pede uma forma visivelmente palpável. A maior dificuldade

¹ Fragmentos extraídos do livro *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*, de Edith Derdyk. Os fragmentos que compõem o ensaio “Ponto de chegada, ponto de partida” foram revisados e reeditados especialmente para compor o dossiê “Processos de criação em diferentes linguagens” para a revista *Trama Interdisciplinar*.

acontece justamente na passagem dessas experiências para uma enunciação encarnada numa *forma* verbal: são acontecimentos de uma outra ordem.

As palavras designam uma realidade mais abstrata para quem apreende todo dia o esforço da reapresentação de uma rede de experiências sensíveis e afetivas por meio das mãos – as extremidades do pensamento que se move –, visando alcançar a concretude das substâncias materiais, para daí extrair uma construção de linguagem.

A vontade de construir um texto encadeado, iscando o miolo do ato criador, impulsiona o redimensionamento das minhas experiências já vividas, vindas das mais distintas fontes, sendo compostas com as que estão por vir, mixadas com o desejo do constante devir: mais do que construir, se trata aqui de desamarrar e desfilar o tecido que se trama no decorrer do próprio ato de estar criando *algo que vem de algo que vai*.

Preciso me valer das experiências nascidas de uma produção cuja razão é pertinente ao universo visual – seus recursos, procedimentos e especificidades –, aproximando-as com a concretude que a *matéria da palavra* exhibe, sonora e significativamente. Modelar, esculpir, colar, dobrar, furar, rasgar, justapor, sobrepor, recortar, costurar as palavras, uma a uma, ponto por ponto, passo a passo, encadeando, aglomerando, compondo e conjugando um pensamento-imagem a outro pensamento-imagem, como células que configuram um corpo em constante mudança. São inscrições na ordem das experiências do sensível.

Reconhecendo a força que a palavra carrega em si mesma, reconectando a palavra ao poder da imagem que as palavras também suscitam quando em estado de voo, desejo *desenhar* um texto que possa presentificar a qualidade da experiência do ato criador. Me faltam palavras precisas, sílabas justas, sonoridades que cantem as variações de seus ritmos, intensidades e timbres. Dessas dificuldades oblíquas e frontais vou acessando certas passagens, reconectando em mim mesma um outro registro para essas experiências, cultivando o gosto da criação de um texto que deseja dizer *tudo aquilo* que é impossível de ser dito definitivamente com clareza e firmeza.

Ressonâncias internas emergem desta empreitada. Me posiciono a uma certa distância, absorvendo melhor as impressões que vão sendo gravadas em minha matriz, reapresento *tudo aquilo* que consigo enunciar, neste momento e nesta condição, tecendo um fio narrativo que fica a imaginar *como será que acontece o ato criador?* Sendo estória narrada, me descolo de mim mesma acreditando que as verdades deste ato são ficções reais, reinventáveis a todo instante, conferindo ao texto uma tonalidade teatral – um texto composto por muitas vozes, um texto-coral.

Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o risco de se ter a realidade. Entender

é uma criação, meu único modo. Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo – traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço, e sem querer entender para que valem os sinais. Falarei nessa linguagem sonâmbula que se eu estivesse acordada não seria linguagem (Lispector, 1994, p. 17).

A TECELAGEM DO ATO

No movimento processual do ato criador, a potencialidade de algo sempre está por surgir abrindo frestas, vãos e buracos de sentidos latentes, desejan-tes de serem visibilizados e explicitados. O ato criador alavanca o que ainda está por vir por meio de uma vontade involuntária e de uma ação consentida, pressentida ou como *decisão da intimidade*, como diz Maria Gabriela Llansol (2003, p. 1) em seu livro *O começo de um livro é precioso*:

O começo de um livro é precioso. Muitos começos são preciosíssimos.
Mas breve é o começo de um livro – mantém o começo prosseguindo.
Quando este se prolonga, um livro seguinte se inicia.
Basta esperar que a decisão da intimidade se pronuncie.
Vou chamar-lhe fio – linha, confiança, crédito, tecido.

O *ato criador* magnetiza um campo de forças tramando cruzamentos entre os estados que aludem ao indefinível, ao informe, ao imensurável, ao ainda desconhecido e às matérias que incorporam as medidas, os pesos, os volumes, as formas daquilo que precisa ser explicitado, materializado, visibilizado. Tecido realizável porque existe *um corpo que é e que faz*.

Entre um pensamento e uma ação acontecem tempos, acontecem espaços: intervalos, breques, lapsos, fusões que no corpo pulsam como células que se movimen- tam em contrações e expansões para sobreviverem, permeando suas substâncias com o meio ambiente. Mas não basta sobreviver! A consciência de que, naturalmente, o ser humano faz do corpo um ser inventivo é o toque diferencial que, paradoxalmente, nos distingue e nos aproxima dos movimentos da natureza. Porém, a natureza do ato cria- dor pede perguntas, movimenta poeiras escondidas, subverte as regras da linguagem funcional, cavoucando outros campos de sentidos que possam configurar outras rea- lidades à própria realidade. A vida depende da reinvenção da própria vida, e a arte in- troduz, injeta e extrai seivas para este eterno jogo fabulatório e combinatório que diz respeito à condição e condução da natureza humana – somos seres de linguagem, naturalmente produtores de artifícios. Cabe lembrar, no entanto, que o ato criador não

é exclusivo da arte – está presente em todos os campos dos saberes e dos sabores, em todas as atividades humanas – é uma condição de existência!

O corpo inventa e/ou descobre pensamentos e percepções, o corpo sustenta e/ou projeta ações, o corpo vive os ritmos, as (des)continuidades, as intensidades, as disjunções, as alternâncias das temporalidades que navegam entre os campos da observação, da memória e da imaginação. O pensamento borbulha as percepções no corpo, o corpo contrai com o pensamento feito células sensíveis, o pensamento gera deslocamentos, o movimento do corpo provoca as matérias do mundo – uma respiração plural que metaboliza estas trocas entre o que entra e o que sai, singularizando nossos sentidos vitais.

No corpo os instantes, as durações, as pulsões, as vibrações, as frequências, as pulsações são enigmas que nos perguntam: onde é que começa e onde é que termina este corpo? Onde no corpo a mente habita? Como a observação, a memória e a imaginação interagem entre si? O que vem de fora e o que vem de dentro? Como os contornos ilimitados da experiência única de sermos corpos vivos modulam as ações que se arremessam na realidade das matérias? Como é que a experiência da criação inventa um corpo no tempo e no espaço ou inventa no corpo espacialidades e temporalidades? E, afinal, sobre quais corpos estamos falando?

E é e será com um *corpo entusiasmado, animado, arrebatado* pela sensibilidade natural de um organismo vivo e presente, capaz de absorver as informações do mundo, que a tecelagem da criação fia suas ações, materializando e explicitando, por meio das materialidades, sua presença que se inscreve no mundo. E quando em nosso corpo – híbrido, mestiço, mixado pelas incontornáveis interioridades e exterioridades – uma certa potência inventiva se afirma como desejo e impulso, liberando e desdobrando ânimos até então irreconhecíveis, algo em nós se confirma, se afirma e se forma. Algo incomum saído de nós, ou convergindo para dentro de nós, algo se faz, algo é dado a ver, algo é passível de ser compartilhado. O estranhamento, o inesperado, o acaso, a surpresa são ingredientes estruturais e estruturantes que reconhecem aquela ação como uma ação que carrega novas informações e experiências outras. Daí o sentido de *poiesis*, este fazer singular que inaugura um modo inédito de pensar, de fazer e, até quem sabe, de viver.

Daí a importância vital de que se instale, nos ambientes de aprendizagem, a necessidade de cultivar as sensibilidades como forma de produção de conhecimento, escapando da cisão neoclássica que ainda carregamos, separando o corpo da mente, o pensamento da ação, a percepção da experiência, a forma do conteúdo. E para isso será urgente repensar os modelos estruturais que sustentam as instituições educacionais – do jardim da infância à universidade – para garantir que o pensamento aberto, inventivo, poroso abra espaço e tempo visando a corpos vivos, animados, curiosos, investigativos e singulares.

A ação que se quer inventiva, intencional e voluntária também se manifesta como sucessão de atos que se repetem, pois a repetição faz parte da construção desta trama inventiva, sempre sugerindo inflexões, desvios, acasos, que tendem e convergem para alguma direção, para um campo de interesses recorrente, como que atraídos por uma energia vital desprendida pelo vapor de um corpo vivo que é, que deseja, que intui, que sente, que recorda, que pressente, que pensa, que quer, que sonha, que imagina, que pode, que faz e que reconhece tais impulsos, necessidades, intenções e desejos como ações afirmativas.

A conjugação das passagens entre aquilo que é sabido, controlado, esperado, planejado com aquilo que se surpreende pelos seus acasos e arbitrariedades, seus informes é uma zona de intersecções que Marcel Duchamp (1986, p. 71) nomeou como “coeficiente artístico”, estabelecendo uma relação pendular entre a intenção e a realização: “Em outras palavras, o ‘coeficiente artístico’ pessoal é como que uma equação aritmética entre o que permanece inexpresso embora intencionado e o que é expresso não intencionalmente”.

A NATUREZA POÉTICA DO ATO CRIADOR

A atenção focada no ato criador enfatiza o desejo crescente em compreendê-lo como *operação poética*, acordando o sentido de *poiesis* abordado por vários filósofos, teóricos e ensaístas, dentre os quais escolho aqui Paul Valéry ((1991), que enuncia, de forma muito condensada e afiada, que *poiesis* se trata de um *fazer singular*. Direciono o olhar para a observação dos aspectos perceptíveis no gerúndio de uma ação, trazendo à tona particularidades sensíveis e materiais revertidos em construções de sentido. Não pretendo induzir a noção de que o processo seja mais importante do que o resultado, ou da necessidade de se convocar uma gestualidade explícita agregada ao objeto.

A compreensão do ato criador como *operação poética* territorializa um campo específico de atuação: não é qualquer fazer um ato criador, inventivo ou criativo (tem nuances distintas, tênues e avassaladoras entre essas palavras, mas não caberá aqui aprofundar), mas aquele ato que provoca um estado de *poiesis* impregnado de uma consciência ou percepção inusual; não é simplesmente um constante fazer que garante a descoberta de outras camadas de significados, sugerindo outras leituras em relação aos sentidos usuais que são geralmente utilizados para a comunicação. Numa direção inversa às enunciações que dão forma à linguagem pragmática e funcional – necessária para a nossa sobrevivência cotidiana e comunicação imediata –, o ato criador instaura uma maneira única (pessoal, individual e subjetiva) e, por vezes, coletiva de ingressar em um tempo e um espaço ainda fora de forma ou ainda sem nome.

A experiência da criação desparafusa sensações, cavouca emoções, instiga impressões diariamente vividas, nos devolve uma outra percepção de estar no tempo e no

espaço, de ser o tempo e o espaço, de fazer um tempo e um espaço. Essas qualidades perceptivas se originam de vivências simples, cotidianas, comuns, e não sabemos muito bem como mas, de repente, estas se descolam de um pano de fundo da vida ordinária e se deslocam para o registro de uma ordem de experiências inéditas, explicitadas pela materialidade das linguagens. E quando dessas experiências alguma forma, até então errante, pede sua explicitação, a experiência poética da linguagem nos convida para a convivência com a matéria substancial da criação de pensamento, de percepções, de sensibilidades, de conhecimento.

A experiência criativa e inventiva, designada pela capacidade humana de fabricar, emprestar, construir, negar, afirmar, extrair, atribuir, relacionar, associar, revelar, imanta o mundo de sentidos, dando contornos a outros significados, expressos pelas materialidades específicas de cada linguagem.

Diante de um mundo multifacetado, estar em *estado de suspensão* permanente entre a surpresa e a certeza, entre a admiração e a dúvida, nos abre para uma vocação mais generosa, própria da comunicação ao expressar nossos estados anímicos e afetivos, nossas pregnâncias e recusas, nossas convergências e cisões, dilatando a ditadura das representações já formatadas, e que nomeamos como convenção, palavra diametralmente oposta à invenção, dadas pelos cânones civilizatórios. E, paradoxalmente, as experiências são tão vívidas que serão imediatamente perdidas se não forem aprisionadas por um fazer resistentemente *entusiasmado*.

O ato criador tonaliza o milagre da natureza em tornar possíveis outras diferenças, amplificando a tolerância do que há de mais específico e singular em cada ser humano, por meio de um incansável fazer.

A palavra *poética* convoca um campo historicamente profundo e extenso de significados, cuja utilização tem servido às diferentes regras do fazer, com seus cânones datados modelando as atitudes estéticas e éticas. O que aqui se deseja vislumbrar é uma noção mais próxima do sentido originário da palavra *poética*. O radical grego *poiein* aponta para uma direção que se aproxima da origem da própria palavra *fazer*: um fazer em comunhão com uma especificidade espiralada, onde o corpo espelha e reflete outras modalidades para o fazer, abolindo as molduras prévias do ser para mergulhar numa conjugação dos tempos dos infinitivos.

Incorporar uma qualidade singular na forma como o corpo atua sobre as matérias do mundo: eis um grande mistério! E por mais que se descrevam as etapas e os procedimentos que identificamos como sendo a expressão do ato criador, com a finalidade de formalizar uma metodologia capaz de convocar o ser para este fazer em especial, *como*, *quando* e *onde* essas qualidades se manifestam serão sempre um enigma mobilizador.

Mistura irresoluta que se lança em vão livre, o ato criador libera-se da mediação entre o pensamento e a ação, entre a intenção e a realização, entre o desejo e a matéria.

O que fica do que escapa? O ato criador se preenche de uma memória ativa, se projeta para uma direção cega. Presente em si mesmo, o ato criador não se lembra mas também não se esquece, não se ausenta e nem é isento.

Também esquecemos de nos lembrar, por conta das exigências funcionais do cotidiano exigindo respostas ativas, que quando a ação é embebida por uma desaceleração vertiginosa que ativa o corpo adormecido de sua atenção e intuição, fazendo saltar para fora de um plano de fundo aquilo mesmo que nos move, outros contornos se estendem, proporcionando à materialidade de uma ação um sentido poético.

O ato criador, não tendo forma definida *a priori*, devolve uma consciência perceptiva distinta em relação à forma como o nosso corpo vive habitualmente o tempo e o espaço. Quem sabe essa distinção seja a fonte de um sentido originário para o fazer poético, escondido dentro de uma atitude tão familiar quanto beber um copo de água.

E é deste vão existente entre o que se observa e o que é visto, entre o que se pensa e o que se fala, entre o que se imagina e o que se deseja, entre o que se lembra e o que se esquece, é neste vão instalado no espaço de tempo entre *a intenção* e *a realização* que o impulso de fazer, focando a convergência dessas margens, algo se faz.

Entre o espaço do cotidiano elevado à potência do inusual e o espaço daquilo que é estranho trazido ao terreno do habitual: a criação abre-se em espaços rarefeitos e errantes, cujas junções e interfaces vão produzindo pérolas quase que feitas por si mesmas. Pérolas lapidadas pelo tempo, mimetizadas com o meio ambiente, encontradas como que por acaso, como que por acidente de percurso por algum viajante que vê o que não se vê, que cifra a memória de um futuro que ainda não veio, que captura uma ação presente que se esvai, que designa a invenção de um fazer.

Acontece um trânsito de sentidos imbricados entre os verbos fazer, produzir, construir, realizar, gerar, imitar, inventar, repetir (Valéry, 1997, p. 133-135). O fazer criador provoca contornos que se contaminam, absorvendo os acasos e as necessidades, dissolvendo os vácuos entre o que se projeta e não acontece e o que não se projeta e acontece, fazendo de si uma ação em estado de gerúndio: híbrida, espessa, irresoluta, inacabada.

Existe e resiste uma urgência na conquista de *uma forma inaugural* rastreando *algo* que ainda não sabe seu peso, seu volume, suas medidas, sua matéria, seu recheio. A *forma* que voluntariosamente deseja se impor impulsiona o ato de construir, de produzir, de criar *algo de algo que vem de algo para algo que vai*. O denominador comum que atravessa esta vontade quase que anônima de capturar uma forma é a positividade protagonizada pela presença incondicional de um sujeito que não existe sem corpo, que não existe sem espírito, que não existe sem pensamento, que não existe sem nervo, que não existe sem linguagem, que não existe sem consciência, que não existe sem

história, que não existe sem matéria, que não existe sem percepção, que não existe sem afeto, que não existe sem desejo.

E as inumeráveis interpretações, traduções, apropriações, contaminações e constantes ressignificações a respeito do ato criador fazem com que a explicitação da forma conquistada se sustente para além de sua circunscrição histórica, para além de sua configuração material.

Nas palavras de Hélio Oiticica (1986-1987, p. 109): “Para o artista o ‘fazer-se’, o profundo fazer-se que ultrapassa as condições do *faciendi* material, é que constitui a sua condição criativa. A criação se faz, nunca se deixa fazer [...]”. Apreendem-se entornos sutis que frontalizam os limites entre arte e vida, *tocando* um sentido nevrálgico: além de produzir o próprio objeto, pleno em sua materialidade, o ato criador provoca um deslocamento/descolamento na invenção de valores em relação ao sistema estabelecido.

Nossas experiências – sensíveis e inteligíveis – afrontam as intersecções entre aquilo que ainda não se sabe e aquilo que já se sabe, ou em que se acredita saber, evocativas de uma ordem originariamente existencial, inerente a todos nós. Não se trata apenas de captar uma forma palpável, mas de colocar em evidência tudo aquilo que converge para uma forma de inaugurar seus conteúdos. Vias de mão dupla!

São inúmeras as experiências. Somos bombardeados a todo instante por milhares de informações sensíveis que invadem e evadem de nosso corpo. Mas como será que estas se libertam delas mesmas para incorporar, em outras instâncias, não sei bem de que maneira, uma forma material cuja presença é detonadora de sentidos, *emanadora de pregnâncias poéticas*? Como será que essas experiências se acomodam e se desinformam, reciclando um circuito sem fim?

Lapidar as experiências sensíveis nascidas em estado bruto, que vagam por um tempo sem medidas numa zona de abstração: esboços imprecisos mapeando *ocorrências anteriores* à existência propriamente material do objeto construído pelas mãos do pensamento. Ao intuir uma temporalidade, precisaria situar onde esta acontece. Seria impossível não adotar um ponto de vista ancorado numa *subjetividade* para localizar onde e quando essas ocorrências se acomodam e se desinformam.

COMO?

Por mais que se desmembre anatomicamente as camadas e as etapas relativas aos processos criadores, criativos e inventivos, atribuindo-lhes categorias, funções, significados, metáforas, não sabemos ao certo *como* acontece o fluxo desencadeador que conecta todos os elos numa corrente criativamente criadora.

O que faz alguém *criar* alguma forma de uma maneira singular, repleta de informações ruidosas, instigantes e estranhas? O que faz alguém *ver* nessa forma a residência

da criatividade? E sobretudo isso, além do porquê, do quando e do quê, *como* acontece o ato criador?

A substância do ato criador se nutre pela incessante procura de *como* realizar *algo de algo que vem de algo para outro algo que vai*. O próprio ato de fazer veste distintas roupagens figurando uma objetividade, mas que também busca recuperar instâncias não imediatamente acessíveis, concernentes à natureza mais abstrata e vaporosa da subjetividade de nosso ser. E são destes e nestes *outros tempos e espaços* que o ato criador presentifica decisões, superações, resoluções, formulações de perguntas que brotam do *ser que faz algo ser*.

Como fazer, como começar, como chegar, como terminar, como continuar?

Não dá para ignorar que cada campo de conhecimento exige uma conexão singular, exhibe uma propriedade única, um modo próprio de fazer significar a linguagem. A natureza de cada conhecimento propõe seus recursos, seus instrumentos, seus códigos e materialidades, inventariando técnicas, desvelando pensamentos sendo pensados, sugerindo métodos e estratégias reais e imaginárias que *possam* emergir desta interlocução, acreditando em *verdades inventáveis*.

O anseio criador potencializa as experiências comuns do nosso corpo, aprisionando-as e liberando-as por meio de um modo poético de construção de linguagem. Deflagrando os conhecimentos do natural, do anônimo e do involuntário, que jazem sob as coisas do mundo, o ato criador evidencia universos escondidos sob uma forma que inexoravelmente ocupa publicamente seu lugar no mundo das coisas, nem que seja por uma fração incontável de tempo e espaço.

Como será que incide no corpo de nosso ser um pensamento como que formado alheio ao corpo e com este, no entanto, produzido? Como será que por meio de um fazer se materializa o *coeficiente de arte* – *aquele espaço entre a intenção e a realização*?

Cisões históricas. Sinais dos tempos. Angústias presentes. Será que essas cisões pertencem constitutivamente à substância química-alquímica de nossa *máquina precária e durável* que é o corpo do nosso ser? Precária porque a vida pessoal está circunscrita a um círculo histórico; durável porque suas realizações podem atingir outros círculos espaçotemporais.

As passagens dos sentidos e as inevitáveis categorizações que o cognitivo nos impõe provocam naturais rachaduras. É desses desacertos que o corpo criador molda o barro originário de que é feito, refeito e desfeito, fixando conteúdos formáveis. A forma moldada pelas mãos do espírito humano permanece estável até a próxima rachadura, provocada pelo endurecimento do barro que se contrai ao secar.

REFERÊNCIAS

- DUCHAMP, M. O ato criador. *In*: BATTCK, G. *A nova arte*. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 71-74.
- LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- LLANSOL, M. G. *O começo de um livro é precioso*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- OITICICA, H. *Catálogo Lygia Clark e Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Funarte; São Paulo: MAC-USP, 1986/1987.
- VALÉRY, P. *Eupalinos ou o arquiteto*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- VALÉRY, P. Poesia e pensamento abstrato. *In*: VALÉRY, P. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991. p. 201-218.

Recebido em: novembro de 2023.

Aprovado em: fevereiro de 2024.